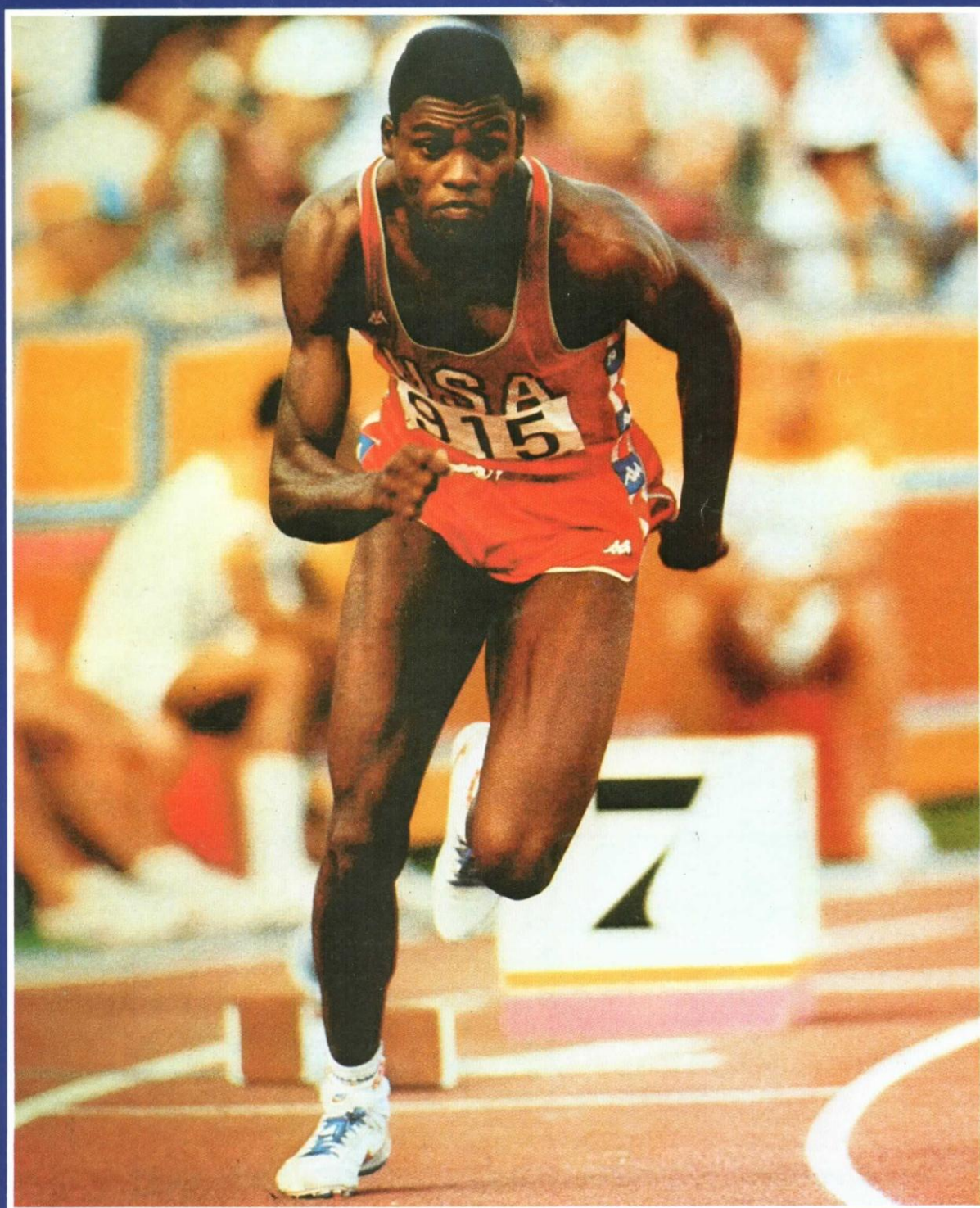


REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

horizonte



DOSSIER: ENSINO DO KARATÉ

Vol. IV, n.º 22, novembro-dezembro, 1987 — 220\$00

ISSN 0870-0184

horizonte

DOSSIER Vol. IV n.º 22 — novembro-dezembro 1987

O SIGNIFICADO ACTUAL DO KARATÉ ARTE MARCIAL/DESPORTO COMBATE?

ABEL A. FIGUEIREDO

I. INTRODUÇÃO

O karate não surgiu de um momento para o outro. É um produto essencialmente cultural que não se gerou espontaneamente, mas que tem acompanhado o Homem, na sua vivência, no seu desenvolvimento, adquirindo significados característicos a cada época, a cada tempo e espaço específicos, significados esses que têm uma real importância antropológica (1), sendo sincronicamente «biológicos» (anatômico-funcionais: eficácia corporal das técnicas) e «culturais» (histórico-sociais: transmissão e selecção — evolução dessas técnicas corporais), não existindo um sem o outro.

O Homem, para sobreviver, actuou sobre si e sobre o que o rodeava. A experiência transmitida no seio do seu grupo foi sofrendo adaptações dependentes das situações do presente vivido face ao passado conhecido. Assim, a sistematização das técnicas corporais reflectiriam o seu meio ecológico, factores religiosos, políticos, éticos, económicos, elementos raciais, anatómicos, enfim as relações entre o tipo de indivíduos e o seu mundo característico.

A génese da luta, no Oriente, organizou métodos de combate e de ensino dos mesmos que reflectem aquela cultura e Homem característicos.

Hoje, as diferenças culturais são cada vez menos desconhecidas (maior comunicação), sendo praticado nas mais diversas culturas e pelas diferentes raças humanas.

Tende cada vez menos a ser um conjunto de técnicas, para ser cada vez mais um conjunto de **princípios de acção**.

O objectivo geral será a **superação** característica das actividades humanas. Tem no entanto, a forma de o conseguir, suscitado alguma

polémica que surge ligada ao problema taxonómico de se o karate é uma «arte marcial» ou se é um «desporto de combate». Claro é que estes problemas aparecem porque o karate tem permitido, e permite, diversos significados que correspondem a situações antropológicas características.

Num momento em que sai um Decreto-Lei a extinguir a CDAM (Comissão Directiva de Artes Marciais) e a dar nova argumentação e regulamentação às Artes Marciais, num momento em que existem duas Federações, urge estudar o significado do karate face ao Homem moderno.

No trabalho que a seguir se apresenta, procura-se encontrar alguma solução prática, a que ajude essencialmente os pedagogos pelo karate e praticantes em geral, a situarem-se num presente sólido como trampolim constante ao futuro seguinte.

A nossa hipótese é que o significado do karate como desporto de combate é o mesmo do de arte marcial, significado não passado mas sim presente, objectivando o homem de hoje — amanhã, ficando assim justificada a sua permanência no domínio das actividades corporais contemporâneas.

O ponto de partida será o **Homem** com sistema, referindo logo a seguir a sua tendência teleonómica como propriedade que caracteriza os sistemas: a tendência para um fim. A seguir, analisaremos o artigo de A. Back e D. Kim como trampolim para o signifiante «arte marcial», aprofundando os significados de **arte** e de **marcial**, não perdendo de consideração o Homem de hoje — amanhã, vincando progressivamente um estudo cada vez mais humano, mais global, e menos restrictamente cibernético. Antes de partirmos para referências ao significado de «desporto», referir-nos-emos mais profundamente ao **Homo efficax**, preocupando-nos com a evolução sócio-cultural a que assistimos e na qual devemos participar como educadores. Ao terminar, conta-se elaborar um capítulo conclusivo que sublinhe as noções básicas para uma pedagogia eficazmente formativa através do karate.

Seguiremos então, em lugar de uma metodologia «linear», uma «espiral» progressiva que de um ponto se vai ampliando em «círculos» cada vez mais amplos e profundos, de modo a conseguir ir dominando níveis diversos para cada vez melhor podermos olhar e ver o que nos cerca,

1 Antropologia é a «ciência do homem tomado na totalidade das suas manifestações e das suas dimensões. Encarada neste sentido, a antropologia englobaria, além das disciplinas que se lhe reconhecem, a psicologia social, a sociologia, etc.» (3. p. 38).

sem que se perca o dinamismo inerente ao humano, o imprescindível ponto de partida (e de chegada) atrás referido.

II. O HOMEM

II.1. Homem — sistema

O Homem movimenta-se. Estando na base dessa movimentação vertentes biopsicossociais (sem traços), naquela acção ele não consegue se fragmentar pois como todo, como unidade que é, deixaria de funcionar como funciona: de uma forma global.

Ele é uma organização celular peculiarmente dinâmica, da qual emergem fenómenos psico-culturais, pressupondo esse dinamismo organizacional (gênese) que o sistema — indivíduo o seja aberto aos outros que o rodeiam e influenciam o dinamismo próprio. Assimilação e acomodação enquadram-se nesse desenvolvimento, promovendo um equilíbrio estável — desequilibrado — activo (equilíbrio). (20 pp. 203, 204). A equilibração é motor e resultado da acção (indivíduo — meio), via assimilação — acomodação (adaptação).

Se por um lado o Homem resulta de um património de génes cromosómicos (via hereditária) que definirão estruturalmente a sua existência, não nos devemos esquecer que esse herdo é acabado (génes definidos) e aberto (potencial), ou seja, o seu desenvolvimento está dependente de si mesmo (géne — estrutura acabada) e do meio (expressão genética).

É assim que o sistema se vai desenvolvendo, lutando contras as agressões à sua organização própria, adaptando-se e progredindo ou regredindo, complexamente, porque sistema aberto, sendo esta a condição necessária à sua evolução.

II.2. Agonismo

O indivíduo existe como tal, em relação com os outros. Quando ele objectiva o seu aperfeiçoamento (maior eficácia), cria valores visados, e tenta caminhar em direcção a eles. A comparação entre o valor visado (o que se deseja) e o valor efectivo (o estado real atingido), dá a medida do erro.

O sentimento de ultrapassagem do que se é ou tem, via o que se quer ser ou ter, pode ser considerado como **emulação**.

Quando o sistema se sente desequilibrado, tende na busca do reequilíbrio e age. No fundo é a superação que está na base daquela evolução porque, num meio em constantes transformações, o sistema necessita de se adaptar para continuar a existir.

O indivíduo auto e hetero — supera-se quando não gosta da situação presente em comparação com a então situação futura visada. Deste modo, o auto e hetero — emulação estão presentes nos que buscam a sua evolução e aperfeiçoamento (com sentidos relativos), sendo isto o que se encontra na base da noção de agonismo e como diz o prof. Dr. Manuel Sérgio, uma propriedade básica da prática desportiva (22. coluna 213).

III. A ARTE

III. 1. O artigo de Allan Back e Daeshik Kim

O problema de base exposto no seu estudo, foi o de saber «(...) em que medida deveriam as formais e tradicionais actividades das artes marciais orientais ser perservadas? Em que medida deverá o ensino de artes marciais mudar, para se acomodar às colocações multinacionais e às mudanças dos desejos dos estudantes?» (4. p. 8).

As noções mais focadas no problema da mudança são: as tradições e rituais por um lado e os exercícios e formas por outro.

Ao estabelecerem as duas metas, «eficiência em combate e aperfeiçoamento artístico» (4. p. 12), não podemos deixar de comentar a segunda, no contexto apresentado.

Referem-se que é «(...) a presença de técnicas formais, como as poomse (1), que tornam possível a uma forma de combate ser uma forma de arte, canalizando o interesse na luta por um caminho tal que um gosto artístico é ganho, ao mesmo tempo que as proezas de luta (...)». (4. p.

12). «(...) os exercícios formais são essenciais para uma arte marcial oriental. Sem exercícios ou formas, perderá o seu 'status' como arte (...)». (Ibidem). Depois, e a título de conclusão, referem o seguinte: «Assim, os educadores de artes marciais, quando decidem desenfatizar o treino formal, estão com efeito a decidir dar menos importância ao lado artístico do seu estilo.» (Ibidem).

Temos, entretanto muitas dúvidas sobre a referida necessidade de exercícios «formais», como os katas (2), para com o «status de arte».

III. 2. Sobrevivência — arte

Será que quando o Homem teve a oportunidade de abandonar a acção apenas como necessidade de sobrevivência material, preocupando-se então com a significação, com a valorização da acção, que, terá nascido a arte?

Refira-se que a «(...) arte é uma forma de simbolização (...)», é a «(...) criação de valores: valores tais como o belo, o sublime (...)». (19. p. 40). Mesmo A. Back e D. Kim notam que a «produção artística» pressupõe «contacto com o sublime e o divino». (4. p. 11).

A arte transcende a sobrevivência e valoriza a acção. Há uma transfiguração do real. «Quanto mais a obra fica na terra a terra menos é obra de arte». (13. p. 71). Arte «(...) é aquilo porque as formas se tomam estilo». (Ibidem).

III. 3. Emoção — arte

O «aperfeiçoamento» dos movimentos, sem no entanto se aumentar a sua utilidade prática, tem para muitos a haver com um «(...) impulso ou anseio estético. Embora nada esteja ainda assente sobre se os seres humanos possuem ou não, na realidade, tal impulso artístico, não se pode ignorar o facto de grande número de pessoas desenvolverem esforços consideráveis para embelezarem, sem intentos práticos, objectos ou para olharem ou comprarem produtos artísticos (...)». (24. p. 335). Foi o que se passou quando, «(...) no decorrer da era Tokugawa, o sabre deixa de ser um simples objecto material para ser considerado com a alma do guerreiro (...)». A sua forma afina-se, a curvatura do sabre e a da ponta modificam-se. Sem guerra entre feudos, a prática das artes marciais desenvolveu-se pois os guerreiros entregavam-se ao exercício quotidiano bastante produtivo que era a marca da sua ordem. (...) Houve uma orientação para o aperfeiçoamento de cada técnica e de cada gesto, e a qualidade dos detalhes tornou-se essencial. (...)» (25. p. 101).

«(...) tais actividades estão normalmente associadas a uma emoção agradável.» (24. p. 335). Há um deleite com o que se está a fazer; há um disfrutar os elementos não essenciais (no sentido de não ligados exclusivamente à sobrevivência); há um sentimento de prazer ao se contemplar algo artístico.

O intérprete de movimentos como os de um kata, sente júbilo na sua execução. Ele é ao «mesmo tempo um criador (na medida em que repensa a obra) e um contemplador (pois que aprecia como conhecedor o mérito do objecto de arte ...)» (13. pp. 88, 89), que seria neste caso os movimentos considerados. «(...) o júbilo nasce espontaneamente da criação (...)» e «(...) toda a criação implica formalmente o êxtase (...)». (13. p. 85). A criação traz «(...) o entusiasmo de ter vencido (...)» (idem, p. 84).

III. 4. Criatividade — criar

Quando interpretamos um kata, não podemos ser «(...) relegados para o papel de robôs, simples máquinas destinadas a registar pura e simplesmente as vontades do (...)» (idem, p. 89) outro, que criou o kata (e quem diz o kata pode dizer qualquer sequência de movimentos). Através da interpretação, **criamos** uma versão pessoal, havendo nessas «novas

1 Julgamos ser um termo coreano com significado semelhante ao «kata» japonês (ver nota 2).

2 Situação que comporta um conjunto limitado de **variáveis**, mais observadas como movimentos (variados e/ou repetidos) de luta («defesa» e/ou «ataque»), sequenciados e «codificados», sendo transmitidos no seio de cada escola, de uma forma ordenada, que possibilitam o treino individual e solitário do indivíduo.

versões uma originalidade suficiente para que a criação seja perfeita como tal, sem que se possa falar de [mera] **execução**.» (Ibidem).

A criatividade em karate será tanto maior quanto maior for a alegria da vitória, do bom êxito, da meta conseguida. Torna-se possível a existência de «vitórias tristes», porque não criativas, e assim, não verdadeiramente vitoriosas. A criatividade «é, na arte como na religião, uma vitória sobre o tempo, a eternização do instante, a superação do temporal, um arrancamento às condições materiais da vida exterior.» (13. p. 85).

III. 5. Para criar

«Nenhuma **receita**, nenhuma cozinha jamais serviu para criar uma obra válida sem o factor primordial que é a **inspiração**, o sopro original.» «(...) Valéry tem esta observação célebre: 'os deuses graciosamente nos fazem dom de um primeiro verso: mas cabe-nos a nós forjar o segundo' ('Que deve rimar com o outro e não ser indigno do seu primogénito sobrenatural.）」 (13. p. 86).

Parte-se então de algo já existente e, pela «actualização brusca e repentina (...)» (idem, p. 88) (resposta a situações imprevistas: um ataque rápido do adversário, um escorregamento num kata, um aluno que chora porque o outro lhe bateu, etc.), ou pela «(...) ruminação inconsciente ou semiconsciente (...)» (ibidem) (de certos encadeamentos ou estratégias de combate ou relações pedagógicas, etc.), ou ainda, pela «(...) produção reflectida (o raciocínio) (...)» (ibidem), fabrica-se algo de **original** («semelhante a si próprio e a mais ninguém»), de **espontâneo** («(...) ver aquilo que ninguém [veremos a relatividade disto a seguir] alguma vez tinha visto, pôr em dúvida a sua visão do real, a arte sendo necessariamente revolucionária é **causa sui** (...)» (ibidem)), e **produtivo** (mais qualitativa que quantitativamente).

III. 6. Relatividade da criação: o criador

Interessa-nos reter a emotividade pessoal da contemplação — criação (interpretação), que é sentida pelo indivíduo, emotividade essa motivante à **prática** artística, e que por ser pessoal e relativa a cada um, a cada indivíduo biopsicossocial, não poderá ser universalmente uniformizada e estanquamente padronizada.

A criação é relativa ao criador, do qual depende: depende do «(...) **interesse** [pessoal] ligado àquilo que se faz», depende da «**imaginação** criadora (como poder de transformação ...)», e depende da «**secundaridade** (...)» (concebida como 'repercussão durável e ordenada de todas as experiências, que equivale a um alargamento desmedido do conteúdo da consciência').» (13. pp. 87, 88).

É esta secundaridade que nos interessa referir como **relativa** a cada karateca, que melhorará qualitativamente a criação e evolução dos que «(...) tem em conta as descobertas do passado (...)» (21. p. 19), que então se tornam suas. O «novo» é-o relativo àquilo que existe já como descoberta passada conhecida.

O Homem gosta assim de se **sentir** criador pois deste modo sente-se funcional, vivo, eficaz. As emoções de alegria e júbilo resultantes daquelas situações, são fundamentais à qualidade de vida de todos nós.

Os indivíduos sentir-se-ão motivados no karate, se aí se sentirem bem, em evolução, em superação de si mesmos, biopsicossocialmente.

Refira-se que aquela funcionalidade e eficácia, costumam, e ainda assumidamente, ser procuradas na mecanização das acções, o inverso da criação, tendência que reflecte atitudes de mecanização desumanizante(s) da industrialização passada.

III. 7. Arte eficaz

Para alguns karatecas cada movimento técnico de um kata tem um sentido prático real; para outros, não se tratam mais do que gesticulações cujo sentido já se perdeu no tempo.

Um erro comum é o da prática mecanizada dos exercícios e movimentos que são erradamente transmitidos de uma forma fixamente estandertizada, o que constuma fazer perder o espírito de luta inerente à sua execução.

Um kata poderá ter ou não um significado artístico, e não é a sua existência, ou a de exercícios formais do mesmo género, (ao contrário do

que nos disseram A. Back e D. Kim na pág. 12 do seu artigo), que poderão definir uma arte marcial. De forma nenhuma tomamos como elemento constituinte da definição de uma «arte marcial», «(...) as técnicas e movimentos que constituem essa actividade (...)» (4. p. 10). Fazê-lo é tentar estagnar algo de não estagnável porque humanamente fluido e dinâmico. Melhor será a elaboração dos **princípios** que estão na base da movimentação, paralelamente aos **significados** e ela inerentes. Torna-se assim redutível focar a «(...) origem institucional dessa actividade (...)» (ibidem), face à **gênese** complexa dos factos sociais totais.

O que estudamos neste momento é o significado do karate como arte (marcial).

A procura da «eficiência em combate» (4. p. 12), deverá dar paralelamente o «aperfeiçoamento artístico» (ibidem) do indivíduo, e não são duas coisas distintas a serem procuradas separadamente.

Se um karateca treina sem objectivo de luta, para mostrar apenas os seus gestos motores sem lhe dar o significado marcial, então o objectivo da sua acção é puramente formal: preocupa-se com a forma do movimento, sem sentido prático de luta.

Mas se o indivíduo procura a eficácia máxima na sua actuação em situações de combate inerme, dizendo que não se preocupa como artístico, com a valorização estética dos seus movimentos, diremos que ele não faz arte? Decerto a poderá fazer.

A arte sente-se tem a haver com a esfera emocional.

O êxtase sentido numa melodia que nos alegra, que nos dá júbilo, que nos transporta para um mundo de sensações peculiares, pode ser conseguido no fazer, no fazer bem que poderá não ter intenções estéticas, mas antes intenções de **eficácia**.

Manuel Antunes refere-nos que «o termo» [arte] deriva do latim **ars** (**artis**), que é equivalente ao grego **téxvn**. Nos dois idiomas e ao longo dos séculos do seu uso, os dois termos implicaram, ou foram implicando, um certo saber, um certo fazer e, por vezes mesmo um certo sentir, como agrado ou como deleite, desse saber e desse fazer resultante (...)» (26. col. 381).

Concluimos então que **arte exige acção**, à qual está inerente o **sentir** por parte do experimentador artístico. **Fazer e sentir** são assim importantes ao artista, sendo no entanto dependentes do que M. Antunes chama **saber**, que se vai transmitindo de indivíduo em indivíduo, influenciando as suas condutas, as suas personalidades, as suas maneiras de pensar, sentir e agir.

IV. O MARCIAL

IV. 1. A eficácia na luta

Uma questão permanece ainda, em relação ao objectivo destas práticas, e porque conotadas com a **luta**.

Por um lado temos opiniões que conotam o objectivo primordial das artes marciais (1) com a «(...) eficácia em combate (...)» (7. p. 35). «Típicos ingredientes duma sociedade feudal, com os seus senhores, cavaleiros e plebe, as artes marciais apresentam como característica comum a sua utilidade prática: eliminar o inimigo ou pelo menos evitar ser morto por ele.» (Ibidem). É ainda considerado que, o «(...) outro aspecto das artes marciais (...), numa via integrada de acesso a formas superiores de conhecimento do Homem e do Universo, [era] restrito a monges e alguns mestres (...)» (ibidem), uma «elite», enquanto os «(...) samurais usavam-nas como meio de exercer o seu poder de classe e a plebe usava-as como meio de defesa.» (7. p. 35).

Claro está que esta referência deixa pouco a desejar ao futuro das «artes marciais/desportos de combate», visto tais objectivos estarem fora de questão face ao Homem actual. No entanto e apesar da situação actual mais ou menos caracterizada, não nos aparece explícito em tal artigo, a viabilização prática para hoje, e face ao seu passado, de tais práticas.

1 «**Artes Marciais / Desportos de Combate**, em nosso entender são expressões diferentes da mesma raiz, raramente encontradas na sua pureza total, mas sim em percentagens que variam consoante as vocações de cada organização (...)» (7. p. 39).

Entretanto, houve épocas em que estes movimentos foram transmitidos com intenções não exclusivamente «marciais», mas também, e essencialmente, espirituais e higiénico-terapêuticas (por exemplo: Bididharma no séc. VI d.C. — veja-se a p. 15 do meu trabalho do ano passado (8.): A Génese do karate em Okinawa) continuaram nessa prática secreta, como forma de manterem a sua identidade microsocial própria, mesmo quando em 1868, Okinawa se torna província japonesa e finaliza assim a opressão de Shimazu, que dominava a região dos Satsuma, situada no extremo sul japonês (25. p. 18).

Afirmar que o significado daqueles movimentos foi sempre e exclusivamente o da luta, não corresponde a certos indicadores históricos, embora esse significado possa ser encarado como específico à noção de arte **marcial** desporto de **combate**.

IV. 2. Aperfeiçoamento do Homem

Noutras opiniões, o objectivo encontrado para os desportos de combate foi diferente: «(...) Do cavaleiro medieval ao samurai japonês a preocupação fundamental centra-se sempre no aperfeiçoamento do homem e não no domínio de técnicas mais ou menos ajustadas.» (2. p. 7).

Podem-se colocar reticências naquele e «sempre», pois cavaleiros e samurais houve que pelas suas condutas fanáticas e repressoras, dificilmente conseguiriam tal aperfeiçoamento, sempre relativo às normas, valores e símbolos psico-culturais específicos: «entre os bushi [samurais] havia alguns que tinham como objectivo de prática dos bugei [artes marciais] o conceito de 'auto-protecção'. Outros passavam o tempo a 'comer, beber em casas de chá, ou em bordéis', entrando alguns numa vida de crime. Mas gradualmente a maioria voltou as suas energias para canais mais intelectuais, nos quais o 'estado mental de atenção' e a 'investigação das coisas que cultivam a pessoa' eram supremos.» (8. p. 33).

Não se pode contudo negar as intenções de luta inerme, expressa em certa medida na própria terminologia do karate (kara: vazio; te: mão) (1), cujos passos em Okinawa, o seu berço, foram marcados pelo contexto específico aí vivido, quando os autoctones vizavam essencialmente a eficácia em combate inerme, o que foi mesmo essencial nas suas vidas, naquele tempo e espaço específicos. Ainda hoje os karatecas costumam explicar a sua movimentação característica face a situações próprias de luta. Fazer karate sem intenção de luta, será mesmo que o jogar futebol sem querer marcar golos. Tais práticas devem no entanto ter em grande consideração as perspectivas educacionais em que se englobam, perspectivas essas fundamentais ao desporto em geral de hoje, porque para o Homem de hoje — amanhã: desporto-protecção.

Se uns ficam pela luta em si e outros prosseguem nas suas buscas em vias que ultrapassam o conceito comum de eficácia «marcial», já é uma questão intimamente relacionada com a pedagogia das artes marciais / desportos de combate, potencialmente influenciadora das personalidades e condutas humanas dos karatecas.

V. PEDAGOGIA EFICIENTE

V. 1. A eficácia das técnicas corporais

A **acção** influenciada — influenciadora daquelas condutas humanas, tem sido materializada de um modo geral, em acções motoras de luta inerme (sem armas) que vão sendo transmitidas nos dojos (1) existentes no nosso país.

Esses movimentos são actos tradicionais eficazes. A transmissão por uns a outros só é continuada para actos eficazes. Marcel Mauss introduz o conceito de «técnica corporal», para referir esses actos num sentido de «um acto de ordem mecânica, física ou físico-química» (17. p. 217).

Há no entanto que ter a consciência de que a eficácia não terá só conotações mecânicas, mas sim **conotações totais**, e assim biopsicos-

sociais, pelo que a transmissão de certas técnicas corporais, poderá ter a haver com factores não exclusivamente mecânicos, mas até mais com factores psicossociais, (a moda por exemplo).

V. 2. Transmissão

Aqueles conhecimentos tem vindo a ser ensinados de gerações para gerações, constituindo um **saber** transmissível, marcadamente influenciador das formas de pensar, sentir e agir dos indivíduos nele educados.

Todos os pedagogos / treinadores / mestres deverão ter «(...) consciência da função social que exercem quando através dos anos da sua actividade vão transmitindo às diferentes gerações de atletas as atitudes e os movimentos que integram e sintetizam um verdadeiro código corporal da sua modalidade e que define, por assim dizer, a especificidade global que a identifica e a individualiza entre as outras modalidades (...)» (16. p. 24).

Note-se que a influência daquela função social não é só sobre as técnicas de fazer. «(...) Há portanto, uma técnica de (...) [fazer] e uma técnica de educação do (...) [fazer]». (17. p. 212). Ao transmitir-se técnicas, transmite-se também a forma de transmissão de técnicas.

V. 3. Militarismo

Há diferentes formas de ensino das diferentes técnicas corporais no karate. As eficazes deverão permanecer; as não eficazes deverão ser eliminadas.

Anotar-se que «(...) a década de 30 no **Japão** caracterizou-se por um ambiente de belicismo que preparava as aventuras militares contra a **China** e mais tarde a entrada na II Guerra Mundial. (...) a instrução militar dos jovens estudantes e soldados exigia um rigor mais marcial, o que obrigou todos os mestres, todas as escolas e estilos, a colaborar nessa campanha nacionalista militarista e fanática.» (7. p. 37).

Se «todos os mestres» e «Escolas» colaboraram ou não nessa intenção, não o sabemos bem; o que é um facto é que ensino do karate (e não só) sofreu influências desse espírito militarista. Kanei Nagamine diz-nos que «(...) em certos clubes a atitude dos seniores para com os juniores, é a mesma da dos oficiais para com os soldados na antiga armada japonesa, onde a brutalidade predominava (...)» (5. p. 74).

G. Funakoshi, considerado o «pai» do karate moderno, escreve em 1956 que «(...) como resultado da desordem social que seguiu o fim da II Guerra Mundial, o mundo do karate ficou disperso, tal como muitas outras coisas. À parte do declínio do nível técnico durante estes tempos não posso negar que houve momentos em que penosamente fiquei conhecedor do quase total irreconhecível estado espiritual, ao qual o mundo do karate chegou em relação ao que prevaleceu no tempo em que iniciei e introduzi o ensino do karate (...)» (11. p. IX).

É nossa opinião que a transmissão das técnicas de ensino que tem este cunho militarista, ainda se efectua **hoje** em Portugal. Serão progressivamente eliminadas por se manifestarem cada vez menos eficazes para a obtenção dos objectivos **formativos** do Homem, finalidade dominante na existência do karate, como de muitas outras actividades humanas.

V. 4. O mestre eficaz

Qual será o sentido eficaz da relação pedagógica mestre-aluno? É o de o papel do mestre se tornar não necessário?

Um mestre não é um «transmissor de técnicas». O seu papel é o tornarem-se mais eficientes nas suas acções, podendo começar pela análise de situações de luta inerme.

Segundo o que escreveu A. Ehrengerg, a relação pedagógica «(...) estrutura uma certa forma organizacional, isto é, uma certa posição de desejo (...)» (6. p. 41), sendo na sua opinião a organização composta por dois elementos: «Os praticantes — crentes e aquele que está no lugar de mestre.» (Ibidem). Continua ainda que aquela relação pedagógica induz a «desejos», como sejam o «desejo narcísico», em que a «(...) relação pedagógica se efectua entre si e a sua própria imagem, (...) 'vejam como sou belo!'» (6. p. 41), e o «(...) desejo do 'corpo do mestre', corpo que nunca seremos.» (Ibidem).

1 Termo japonês. «Do» significa **via**, caminho; «Ju» significa **local**. Enfim, o local de estudo da via que poderá ser análogo ao «local de treino» imprescindivelmente «sagrado».

Este autor, num certo tom irónico, critica o tipo de «(...) pedagogia **explicitamente** disciplinar (...)» (6. p. 42), referindo que «(...) a relação pedagógica trata (...) uma violência regular, utilizando processos disciplinares (...) que submetem o corpo incrementando a sua potência.» (Ide, p. 42).

Quanto ao «narcisismo» e «homossexualidade» apontados há que citar que «(...) a arte ou é sexual ou não é arte: o grande artista ama necessariamente [...] a sonata, a tela ou o poema que compõe (...)» (13. p. 116), embora, e como se assinalou pelas interrogações, tal «amor possa ser mais generalizado à própria emoção de eficácia, mais que aos objectos de arte em si, que poderão ou não ser estímulos de tais emoções, dependendo disso da emotividade pessoal e subjectiva: relativa a cada indivíduo. O treino poderá então centrar-se em aspectos não restritos à eficácia mecânica da sua movimentação na luta inerte, procurando, por exemplo, uma eficácia estética, não caindo em exageros que caracterizam a procura central de **eficácia global**: biopsicossocial.

O mestre deverá estar atento a estes pormenores e ser conhecedor dos anseios dos seus alunos, dos seus desejos, das suas metas, ajudando-os na **rentabilização das suas acções no dojo**, e daí, fora dele, sensibilizando-os sempre para a sua própria formação individual.

Acontece com frequência, que os alunos se projectam demasiado no mestre, porque a sua longa prática deu-lhe «(...) precisão do gesto, rapidez, souplesse, potência (...)» (6. p. 39), enfim, um comportamento cativante porque achado eficaz. Correntemente aparece o desejo do «corpo do mestre» em cima citado. Mas o que se torna grave é que muitos «mestres», conscientes disso, ainda entusiasmam mais esse desejo, o que mantém os alunos sempre dele dependentes, adormecendo-os ao invés de os ajudar a despertar, utilizando técnicas pedagógicas que nos obrigam a pensar o indivíduo como um corpo comandado e não como um sujeito dotado de consciência.

Tal tipo de relação pedagógica não se torna eficiente ao obrigar o aluno a não decidir muito por ele mesmo, a fazer mais o que o outro decide, as técnicas do outro, o que aumenta a probabilidade da acção ser ineficaz, quando se afasta do contexto apresentado pelo outro, o mestre, não sendo aproveitadas as reais potencialidades do indivíduo como tal.

O mestre eficaz parte do indivíduo para a ele chegar novamente, devendo o seu papel ser transitório e é por isso que **a utilidade do papel do mestre (ou de qualquer pedagogo,) se revelará melhor na medida em que se tornar inútil, libertando o desempenho pessoal.**

VI. O MAIS EFICAZ

VI. 1. Evolucionismo

«As técnicas concebidas pelos mestres de ontem (yesteryear) não podem possibilitar ser tão eficazes como as criadas ou aperfeiçoadas pelos mestres de hoje (...). Os grandes mestres de hoje (...) são verdadeiramente, fisicamente e mentalmente, mais conhecedores que os mestres de ontem (...)» (4. p. 8).

Esta referência a Sakimoto (1974), citada no artigo de A. Back e D. Kim com o intuito de realçar os «conflitos» entre os «(...) mestres tradicionais orientais e os aderentes dos estilos americanos de karate (...)» (ibidem), denota uma posição que pressupõe em grande medida um evolucionismo constante no karate, e como fenómeno social, identifica o seu movimento com um **progresso em direcção a um ideal**. Talvez no seu artigo (que não conhecemos), Sakimoto tenha de alguma forma tentado justificar esta opinião, pelo que a nossa crítica é reticenciosa; apenas solicitámos aquela referência como trampolim de raciocínio.

Sob o ponto de vista sociológico não há «ideal» no karate (o ideal, a técnica, a perfeição, etc.); há ideais que terão a sua razão de existir (naquele tempo, naquele espaço, naquele contexto). Afirmar sem mais nem menos que um é mais evoluído do que outro já não é correcto, e então afirmar que este é mais evoluído porque mais recente, é deturpar a génese dos acontecimentos, o desenvolvimento de qualquer facto social (porque total).

Tal como a sociedade não se desenvolve unilateralmente, também esse progresso não existe no karate. «(...) Todas estas proposições foram eliminadas do domínio da sociologia como dos da antropologia e da etnologia. Fala-se agora, e com razão, da derrocada da teoria evolucionista.» (27. pp. 45, 46).

«Chegou-se à conclusão de que, embora essencialmente diferentes da nossa, as sociedades ditas arcaicas não deixavam de ser, à sua maneira, muito complexas (...)» (ibidem).

Note-se que «Demasiado rotinados e anquilosados no dia-a-dia da nossa vida, nem sempre nos damos conta das mutações profundas da sociedade em que nos inserimos (...)» (14. p. IV). Há «realidades novas, cada dia em evolução mais rápida.» (ibidem). A adaptabilidade dos indivíduos é importantíssima face às mutações do meio em que estamos inseridos, e influenciamos.

VI. 2. Génese e descontinuidade

«A técnica» não existe. Há técnicas porque há movimentos eficazes para determinadas situações. Não há uma situação estática para que se aplique **sempre** aquela forma, aquele técnica especial.

A realidade não se desenvolve com continuidade, mas sim com **descontinuidade**. O combate requer plasticidade e readaptações com base em constantes e apuradas leituras do presente fugitivo.

O Homem é aquilo que é porque assimilação e acomodação interpenetram-se no é. A forma como lê o mundo depende de como aquele Homem é, e essa leitura influencia a sua transformação (não só de si mas também do seu mundo), a readaptação que retransforma o é primeiro num novo é. Há a passagem de uma estrutura a outra, passagem essa que é «(...) uma certa forma de transformação que parte de um estado (...) [primeiro] e leva a um estado (...) [segundo] mais estável que o (...) [primeiro]» (20. p. 194). Este é o conceito de **génese** que não terá um «começo absoluto» mas é sim «(...) um simples desenvolvimento (...)» (ibidem).

Neste sentido, estudar o karate é estudar um facto social total, é estudar por exemplo situações de luta inerte, sempre como factos sociais, e por isso globais. A realidade é hoje vista como descontinua, e sendo a operação transformista a génese, há que entender no sentido de que estado segundo, embora mais estável para aquela situação, não será absolutamente qualitativamente superior, pelo que as técnicas concebidas ontem podem ter sido mais eficazes que as de hoje o seriam. Há que analisar as situações.

I.3. Atitude

Já referismo que **a eficácia é uma noção verdadeiramente global**, podendo não se resumir ao mecânico.

A poesia era para os samurais japoneses uma arte marcial.

O «estado de espírito», o estado psíquico do indivíduo num combate à morte era considerado decisivo. O treino «técnico» de sabre e o das qualidades «físicas», era acompanhado, ou melhor, àquela noção de «treino» estavam inerentes práticas que melhorassem, de **forma global**, as maneiras de **pensar, sentir e de agir** na acção em geral, e principalmente, porque necessário, para que fossem sempre o mais eficazes possíveis nas decisivas situações marciais.

Porque a acção é global não se descuravam os aspectos ligados à **análise da situação, a leitura da situação** (yomi). «(...) Em japonês, o acto de ler ou yomi não se limita a descodificar uma expressão concreta (...)» (25. p. 98).

A atitude perante as diversas situações era não só estudada em práticas como as do arranjo floral, pintura, escrever, etc., mas também no vestir-se, sentar-se, no andar, no comer, enfim, um estudo constante da sua própria existência (Homem — mundo).

Tais práticas possibilitavam o aumento da capacidade de leitura das situações, não só através de um cada vez melhor conhecimento de si próprio, mas também pelo incremento de atitudes rentáveis a isso. A forma como o observador se apresenta à situação é muito importante para a interpretação desta.

VI.4. De hoje para amanhã

O artigo de A. Back e D. Kim de forma nenhuma nos deixou satisfeitos quanto ao problema que se propuseram estudar: «(...) em que medida deveriam as formais e tradicionais actividades das artes marciais orientais ser preservadas? Em que medida deverá o ensino das artes marciais mudar (...)?» (4. p. 8).

O futuro das artes marciais está dependente do seu significado. Se esse significado for eficaz para o Homem de hoje, então permanecerão para o servir, de outro modo serão eliminadas.

O seu significado não depende essencialmente das formas ou exercícios e tradições ou rituais originais: depende sim do significado dessas formas e rituais, e é isso que deve ser estudado e a este nível o contrário do aspecto exterior das práticas.

Continuar com as suas práticas mecânicas numa nova sociedade com novas exigências não foi o mais adequado pois o **Homo efficax** não executa acções carentes de significados conotados com a sua existência presente.

Se hoje não é extremamente necessário quotidianamente ser eficaz na luta inerme, é-o ser naquilo que se faz, seja o que for.

Ao pedagogo pelo karate é exigido que promova nos indivíduos esse espírito de **procura de eficiência**, que começa na luta (por exemplo) e percorre as situações que se lhes vão deparando, não só no dojo (1) material, mas na sua vida global.

O Homem procura vias que o conduzam «(...) para uma eficácia, uma criatividade, um dinamismo e uma intensa alegria de viver (...)» (21. p. 20), e o karate viabilizará isso pelo estudo prático da motricidade, conotando o cérebro reptiliano (o «centro de conservação» de H. Plée — p. 20), o paleomamífero (emoções, afectividade — que não é explicitamente apontado por H. Plée que considera o «centro emotivo» mais utilizado nas vias religiosas) e o neocortex (centros sensoriais voluntários e superiores) uma unidade complexa e global: **eu-mundo**.

A tradição vai referenciando o novo, a criatividade, de uma forma plástica e não acumulativa e somativa.

Há propriedades emergentes da inter-relação das «partes» que no fundo não existem a não ser no nosso espírito necessariamente analisador (porque limitado).

O sistema humano necessita do meio, do que o rodeia, dos outros: géne estrutura acabada — géne estrutura **potencial**.

No seio do grupo, no seio de uma **tradição**, ele evolui, aproveitando-a e retransformando-a, o mais eficazmente possível, e então sente-se feliz.

O Homem autómato está a cair em desuso porque não é eficiente, hoje, quando temos cada vez mais ao nosso alcance produtos do desenvolvimento tecnológico para fazerem tais trabalhos.

O **indivíduo** é exaltado como unidade complexamente potencial e não como peça de uma máquina feita para repetir um certo trabalho porque eternamente eficaz. Aquilo é considerar a vida plástica ao invés de estancamente estagnada.

As socializações para o **estudo dos significados** das tradições, devem substituir as suas puras práticas mecanizantes-mecanizadas e carentes de significado relativo ao presente-futuro.

Um «tsuki» (soco directo) existe porque existe uma situação. Treinar «tsukis» com significado é ter estes aspectos em conta, e não repetir simplesmente mil «tsukis» por treino, mas fazê-los conscientes da situação(ões) para que se preparam, estudando constantemente a situação global: eu-mundo.

VII. DESPORTO

VII. 1. Agonismo: auto e hetero-emulação²

O significado do desporto relaciona-se com o significado do olimpismo moderno, o amadorismo que «(...) não é um regulamento: é um senti-

1 Local de prática.

1 Emulação tem a haver com o sentimento de superação.

mento, é um estado de alma (...)» (28. p. 6), ou seja, é essencialmente uma **atitude** que tem a haver com a **emotividade** pessoal, conceitos já abordados.

Há quem conote desporto exclusivamente com a competição rigidamente normatizada e institucionalizada, inferindo que aquilo que não implica competição neste sentido não é desporto.

O desporto identifica-se com agonismo, noção que está na base da competição normatizada (e não o inverso), mas o agonismo, como já vimos, existe pela necessidade que sentimos como **emulação**.

A normatividade existe nas artes marciais e no desporto, assim como em qualquer prática social. Há normas, valores e símbolos inerentes a tais práticas, como forma de dar significados às condutas e possibilitar por isso uma maior coesão entre os indivíduos.

A emulação tem por base o sentido humano de se ser **eficaz**; é o «gostar de acertar» do tiro ao alvo, é o superar algo que pode ser uma marca, um valor, um objectivo sendo no entanto o mais corrente «o outro»: «ganhar é vencer o adversário». Note-se ainda que esta hetero-emulação, a superação do outro, é relativa; há sempre um «outro» mais do que nós, e se não for numa coisa é noutra.

Uma atitude de auto-emulação será mais humanizante que a de hetero-emulação? Enquanto a primeira se dirige a todos, a hetero-emulação acaba por «filtrar» alguns, os «melhores», os mais, os dos «tops», enquanto a maioria desmotivada da prática por nele se sentir ineficaz face aos «valores visados» inacessíveis, assume o puro papel de espectador dos «outros», os «bons», os «melhores», e acima de tudo os «nossos», do «meu» clube, bairro, dojo, país, etc. Os «espectadores» não são estúpidos, e gostando de pensar por si próprios, costumam ter duas hipóteses de escolha: ou continuam a sentir-se infelizes na sua ineficácia individual, sobrevivendo neste estado, ou procuram melhorar tal situação buscando a rentabilização da sua existência.

Fique claro que criticamos a hetero-emulação exagerada. Hetero-emulação costuma inferir a auto-emulação e vice-versa. A questão principal é a da **atitude** com que se entra para o «tapete», para o dojo, atitude essa que será decisiva na formação de indivíduos.

VII. 2. O indivíduo

Hoje cada vez mais se fala no **indivíduo**.

As empresas de ponta estão cada vez mais atentas ao cliente, preocupando-se com o que ele quer ou necessita, mais do que na tentativa de lhe «impigir» o que não é necessário. Cada vez se fala mais em **qualidade**, em **humanizar**, em **comunicar**, enfim em **adaptabilidade**.

«Fazer melhor» é hoje a preocupação do mundo ocidental, e fazer melhor significa fazer bem à primeira vez, em todas as fases e em todas as circunstâncias (...), [o que] implica uma maior comunicação e flexibilidade, um melhor conhecimento do cliente, um maior saber, enfim, a Humanização da Empresa.» (14. p. VI).

«Fazer melhor» pressupõe que a trilogia de Taylor (1) dê lugar à participação onde todos contribuem para uma melhor decisão, todos participam na realização, e cada um é o primeiro avaliador do que fez (autocontrolo).» (ibidem)

VII. 3. Hoje

«(...) É preciso sair dos modelos culturais do século XIX, adquirir a capacidade de mudar, ascender à subtilidade da libido, ao desejo de reinventar a vida (...)» (18. p. 55-R).

As guerras estimularam essa mudança: «(...) No final da Segunda Guerra Mundial era preciso recomeçar tudo. As fábricas estavam destruídas, os homens tinham perdido os hábitos de paz [estupidificantes pela passividade assumida], tinham sido deslocados; tinham-se tornado móveis. Foi isso que permitiu os milagres económicos (...). (...) Agora, no reino da dissuasão, é preciso que cada um faça por si o que a Segunda Guerra Mundial fez por todos (...)» (ibidem).

1 Noutro parágrafo o autor refere que «(...) O 'taylorismo' caracteriza-se por uma trilogia onde uns pensam e decidem, outros executam, e os terceiros controlam. (...)» (14 p. VI).

1 EME de «emeteur»: «emissor e REC de «recepteur»: receptor. Tal assunto foi mais aprofundado nas pp. 9 e 10 do trabalho sobre o «kimazi». (9. pp. 9-10).

«(...) O que é novo na Europa é que a mudança surge como uma reclamação da própria economia.» (ibidem).

A noção de eficácia, ou eficiência, tem a haver com a adequação à situação (eu-mundo). Tal noção tem muito da de **qualidade** tem em voga na economia internacional. Medir a não eficácia é medir o erro como diferença entre o valor visado (objectivo proposto) e o valor efectivo (o que se realizou), pelo qual tal noção é relativa aos valores visados.

Ser eficaz hoje é ser adaptável às situações, é ser agente de comunicação nos sentidos possíveis (EMEREC 1); só assim o indivíduo consegue ler a situação (eu-mundo) e actuar da forma mais inteligente.

De maneira nenhuma se pode hoje aceitar que seja «o aluno que se adapta ao mestre e nunca o mestre ao aluno» como já se ouviu dizer. O mestre (pedagogo-treinador) tem de estar consciente da necessidade de ser **adaptável aos alunos**, aos que o procuram (ou então a sua utilidade social está posta em causa). Ele sabe então que ensina **indivíduos** e não um grupo militarizado, no mau sentido do tempo.

Nem todos pretendem ser mecanizados para evoluir. A evolução não tem um só caminho. Não há «o caminho», há caminhos; não há «a técnica», há técnicas porque há situações e não «a situação» artificialmente rígida. Todos têm que pensar mais sobre a pedagogia do karate porque não há «a pedagogia», mas sim pedagogias.

O desporto deverá ser cada vez mais uma **prática** e não se cingir a um espectáculo onde a maioria é constantemente assumida no papel de puro espectador, desmotivado daquela prática devido a uma atitude de hetero-emulação, caracteristicamente excessiva nesse «desporto não actual». O **desporto** hoje, poderá ajudar na humanização daquele homem ainda industrial, tornando-o menos egoísta, menos tribal, mais universal, mais cosmopolita, enfim: mais feliz consigo mesmo, factor indispensável à sua maior eficácia como entidade biopsicossocial assumida.

VIII. CONCLUSÃO

Chegamos à conclusão de que a discussão de se o karate é um desporto de combate ou é uma arte marcial, é importante apenas como ponto de partida para a discussão do significado do karate na actualidade. Apesar das correntes conotações entre artes marciais — oriente e os desportos de combate — ocidente, há que ultrapassá-las no sentido do raciocínio em termos do **Homem de hoje**.

Nenhum pedagogo que utilize o karate na formação dos indivíduos deverá ignorar que o Homem se encontra em constantes transformações relativas (assimilação — acomodação — equilíbrio), pelo que o seu desenvolvimento se diz descontínuo, com constantes reorganizações estruturais (estruturação — desestruturação — reestruturação).

Devemos acompanhar a evolução social. Mas este acompanhar deve ser entendido no sentido de que somos nós os movimentadores da sociedade, somos nós que a modificamos aos nos modificarmos face a ela. A sociedade não é um «bicho» que existe fora de nós.

Tornar a nossa existência eficaz é **ser eficazes** nos comportamentos, nas formas de pensar, sentir e agir, e assim, sê-lo para nós e para o mundo, em função de nós e do mundo mesmos.

Nunca é demais repetir que não é tanto o que se faz que é importante, mas a maneira como se faz, a **atitude** perante a acção, pelo que não é a hetero-emulação em si que se deve pôr em causa mas sim a atitude desumanizante com que muitos dela querem participar, o que costuma levar à desmotivação da maioria pela **prática** do «desporto» visto com tais características.

A preocupação «técnica» não tem o sentido que tinha na industrialização e mecanização passadas. O «treino» mecânico de mil «mae-geris» (pontapés frontais) à voz do «mestre» será menos rentável, para a situação de combate, do que o treino de dez, executados com intenção, estando o indivíduo atento à acção, vivendo-a intensamente, «mae-geri», dando o que há para dar em cada um, aperfeiçoando o que se propôs aperfeiçoar, enfim, fazendo o movimento dez vezes ao invés de fazer um conjunto linear mil.

É importantíssimo estar **atento** às situações, estar presente, **ler a situação eu-mundo** activamente para melhor poder responder às suas modificações. Importante é a **comunicação**.

A felicidade do Homem depende essencialmente da sua eficácia. Ajudá-lo a **sentir-se eficaz** é ajudá-lo a se **sentir feliz**, a **sentir a sua existência justificada**.

Neste sentido, **é justificada a permanência do karate no domínio das actividades corporais contemporâneas, porque, ajustada para o Homem de hoje-amanhã, continua a sê-lo com significado. A pedagogia do karate deverá sê-lo realmente.**

Não há razão nenhuma para dicotomizar o karate em duas taxonomias que se pretendem divergentes. O fenómeno competitivo moderno não nega qualquer outra via, sendo mesmo auxiliar para a **evolução humanizante** (ou hominizante) dos indivíduos. Arte marcial e desporto de combate serão dois significantes de tal significado último perfeitamente justificado.

Porque somos cada vez menos «peças» ignorantes do conjunto, o totalitarismo vai sendo ineficaz à evolução de todos (porque não há um caminho), ao passo que a eficácia da democracia depende das inteligências individuais, cada vez menos ignorantes, da sua posição relativa ao conjunto mais atentas e activas, enfim, mais eficazmente produtivas, logo mais felizes.

No karate, em Portugal, **urge comunicar**.

BIBLIOGRAFIA (não ordenada alfabeticamente)

- (1.) ACADEMIA de Budo, **Elucidário de Judo**, Lisboa, Academia de Budo, 1960.
- (2.) ALMADA, Fernando de, «Os Desportos de Combate», **Ludens**, Lisboa, CDI — ISEF, vol. 8 n.º 3 Abr.-Jun., 1984, pp. 5-10.
- (3.) AKOUN, André (direcção), **Dicionário de Antropologia**, (Lisboa), Verbo, 1983, Versão Portuguesa de Geminiano C. Franco.
- (4.) BACK, Allan; KIM, Daeshik, «The Future Course of the Eastern Martial Arts», **Quest**, Champaign-Illinois, National Association for Physical Education in Higher Education, vol. 36 number 1, 1984, pp. 7-14.
- (5.) BENOLIEL, Pierre-Yves, «Okinawa — Les Gardien de la Tradition», **Karate**, Paris, n.º 106, (s.d.), pp. 26-55; 74.
- (6.) EHRENBURG, A., «La Pédagogie du Karaté et le 'Corps du Maître'», **Quel Corps?**, Paris, Editions Solin, n.º 6, Set.-Dez. 1976, pp. 39-42.
- (7.) FIADDEIRO, José Manuel, «Artes Marciais/Desportos de Combate — Evolução ou Vias Diferentes?», **Ludens**, CDI-ISEF, Lisboa, vol. 8 n.º 3, Abr.-Jun. 1984, pp. 35-39.
- (8.) FIGUEIREDO, Abel, **A Gênese do Karate em Okinawa**, Trabalho de Antropologia e História das Actividades Corporais, 2.º ano, Lisboa, ISEF, 1985/1986.
- (9.) KIZAMI, Trabalho de Análise da Motricidade, 1.º ano, Lisboa, ISEF, 1984/1985.
- (10.) FIGUEIREDO, Abel; GOMES, José; LEITÃO, Paulo, **O Significado Biológico e Cultural das Práticas Corporais**, Trabalho de Análise da Motricidade, 1.º ano, Lisboa, ISEF, 1984/1985.
- (11.) FUNAKOSHI, Chichin, **Karate-do — Kyohan: The Master Text**, London, Ward Lock Limited, 1974, Translated by Tsutomu Ohshima.
- (12.) HANNOUN, Hubert, **Os Conflitos da Educação**, «Biblioteca de Pedagogia — 7», Lisboa, Sociocultur, 1975 (original), Tradução de Maria Antónia Morais Miranda.
- (13.) HUISMAN, Denis, **A Estética**, «Biblioteca Básica de Filosofia — 13», Lisboa, ed. 70, 1984 (impressão), Tradução de Maria Luísa São Mamede.
- (14.) JÚNIOR, António de Almeida, «Qualidade — uma questão de Estratégia», **Expresso**, Expresso Economia, Lisboa, Sojornal, 22 Nov. 1986, pp. IV: VI.
- (15.) LEE, Bruce, **Tao of Jeet Kune Do**, Califórnia, Ohara Publications, 1975.
- (16.) LIMA, Teotónio, **Alta Competição — Desporto de Dimensões Humanas?**, «Cultura Física — 4», Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- (17.) MAUSS, Marcel, **Sociologia e Antropologia** vol. II, S. Paulo, EPU, 1974, 2 vols, Tradução de Mauro W. B. de Almeida.
- (18.) MORA, José Ferrater, **Dicionário de Filosofia**, «Informação e Cultura — 8», 4.ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978, Trad. de António J. Massano e Manuel J. Palmeirim.
- (19.) PIAGET, Jean, **Seis Estudos de Psicologia**, «Universidade Moderna — 39», 8.ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1978, Trad. de Nina Constante Pereira.
- (20.) PLÉE, Henri, «Mesprises sur la Tradition», **Officiel Karaté**, Paris, Editions Primatice, n.º 7, Out. 1977, pp. 19, 20.
- (21.) SÉRGIO, Manuel, «Desporto», **Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado**, vol. 2, Lisboa, Ed. Verbo, 4 vols., colunas 213-217, 1984.
- (22.) SOBRAL, Francisco, **Introdução à Educação Física**, «Cultura Física — 1», (Lisboa), Livros Horizonte, 1980.
- (23.) TITIEV, Mischa, **Introdução à Antropologia Cultural**, 4.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982 (impr.), Tradução de João Pereira Neto.
- (24.) TOKITSU, La Voie du Karaté — pour une Théorie des Arts Martiaux Japonais, Paris, Seuil, 1979.
- (25.) ANTUNES, Manuel, «Arte», **Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado**, Lisboa, Verbo, vol. 1, 4 vols., 1984, colunas 381-392.
- (26.) GURVITCH, George, **A Vocação Actual da Sociologia**, vol. 1, «Coordenadas — 6», Lisboa, Ed. Cosmos, 1979 (impr.), 2 vols. Tradução de Orlando Daniel.
- (27.) COMITÉ, Francés Pierre de Coubertin, **Manifesto para a Salvaguarda do Olimpismo e dos Jogos Olímpicos**, «Antologia Desportiva (DGD-IND) — 13», Lisboa, Ed. Nave Lda., Trad. de Monique D. Candeias, 1978.